"AUTO DE VITÓRIA"

Iniciando suas atividades cinematográficas, o Departamento de Produção de Filmes Documentários do Instituto de Estudos Brasileiros, em coprodução com a Fundação Cinemateca Brasileira, realizou o documentário *AUTO DE VITÓRIA*, adaptação da peça teatral original de José de Anchieta, encenada pela Escola de Arte Dramática. O filme, feito sob o patrocínio da Comissão Nacional para as Comemorações do "Dia de Anchieta", inicia-se com uma reportagem cinema-direto sôbre a chegada em São Paulo de uma relíquia do Pe. José de Anchieta e prossegue com a apresentação de 10 minutos da peça teatral. A peça foi filmada em igrejas e locais históricos, que se vinculam com a passagem dos primeiros jesuítas catequizadores por São Paulo, além de ter a própria imagem moderna de São Paulo como cenografia.

Ficha Técnica

PRODUZIDO pelo Instituto de Estudos Brasileiros e Fundação Cinemateca Brasileira, sob o
PATROCÍNIO da Comissão para as Comemorações do "Dia de Anchieta".
PEÇA ENCENADA pela Escola de Arte Dramática, sob a direção de Alfredo Mesquita com a participação de Neusa Chantal, Celso Nunes, Jesus Padilha, Araci de Sousa, Luís Carlos Arotin, Dionisio Amadi, Francisco Solano Neto e alunos da Escola de Arte Dramática.
ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA e PESQUISAS de Ilka Brunilde, Lucila Bernardet e Geraldo Sarno.
CONTINUIDADE — Lucila Bernardet.
COORDENAÇÃO MUSICAL — Rogério Duprat.
SOM DIRETO — Sérgio Muniz.
LETREIROS — José Carvalho.
ELETRICISTA — Miro Reis.
ASSISTENTE de PRODUÇÃO — Sidnei Paiva Lopes.
DIRETOR DE PRODUÇÃO — Francisco Ramalho .
FOTOGRAFIA — Afonso Beato.
MONTAGEM — Sylvio Renoldi.
DIREÇÃO — Geraldo Sarno.
DURAÇÃO — 15 minutos. CÔR — prêto e branco.
Laboratório Cinematográfico Bandeirantes. Som — Odil Fono Brasil.
Colaboração técnica da Jota Filmes e Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Março de 1966.

UM SISTEMA NUMERAL DOS ÍNDIOS KAIOVÁ *

J. Philipson

A contagem geralmente conhecida, em guarani, vai até cinco, estando o último têrmo baseado em po "mão", embora se conheça também um sistema com base de quatro (1), no qual cinco e os números seguintes são formados mediante adição a esta base.

(*) Êste trabalho foi apresentado na VI Reunião Brasileira de Antropologia (São Paulo, 1963). O nome tribal e os vocábulos kaiová aqui mencionados pronunciam-se com acento na última sílaba. A ortografia de vocábulos tirados das obras citadas foi adaptada.

(1) V. Guasch, S. I. (P. Antonio), El idioma guarani, segunda edición, (Buenos Aires, 1948), p. 68.

Em viagem ao Pôsto Indígena Francisco Horta, realizada em julho de 1963, tive oportunidade de anotar algumas particularidades sôbre o sistema numeral dos índios kaiova ali residentes, que, ao que me parece, não foram ainda objeto de estudo.

Uma boa parte dos informantes da geração adulta declarava conhecer, embora fôssem pouco usados os últimos têrmos, os seguintes números:

petei	—	um
mokõi	—	dois
mbohapy	—	três
irundy	—	quatro
tenerõi	—	cinco
teiova	—	seis
oikori	—	sete

Uma única informante, Maria, filha do falecido paí Tomás, deu como equivalente de "seis" *ivota*, têrmo que não foi levado em consideração, pois parece tratar-se de uma forma que se assemelha aos sons de *teiova*, pronunciada por quem ouviu alguma vez o vocábulo certo mas o esqueceu; erros análogos são cometidos entre nós, quando procuramos pronunciar alguma expressão especializada ou pouco usada em nosso meio, ouvida há muito tempo.

Cassiano, filho do sábio paí Vitaliano, não forneceu a forma *oikori*; pronunciava claramente *oikoeri*, traduzindo a palavra por "tem mais outros". Outros consideravam *oikori* como equivalente de dez ou vinte, e o velho paí se recusava a reconhecer nesta palavra um número, fôsse qual fôsse. A etimologia do têrmo, apontada pela pronúncia de Cassiano, de fato sugere que não se trata realmente de um numeral, pois *ikoe* significa em guarani antigo(2) "estar aparte", "ser distinto", e em guarani moderno(3) "muito". Assim a 3.ª pessoa *oikoe* seria simplesmente um têrmo, indicando "há muito" ou "há (um) aparte", aproximando-se êste último do significado fornecido pelo informante. O elemento final *ri*, como forma reduzida de *rehe*, segundo Montoya (4), pode ter significado adverbial: "sucessivamente".

Excluindo, com fundamento nestas considerações, *oikori* dos numerais pròpriamente ditos, restam seis têrmos básicos, os quais, embora etimològicamente não sejam totalmente independentes, são numerais verdadeiros e constituem a base de um sistema hoje pràticamente perdido, mas que deve ter existido em alguma época, pelo menos entre os iniciados.

Foi a mulher de paí Vitaliano, Rosa, que forneceu os numerais até 12, contando nos dedos das mãos e posteriormente nos do pé esquerdo, à verdadeira maneira indígena. Após o doze se atrapalhou e pronunciou um numeral, cujo significado foi indicado como sendo quinze, ou seja o último dedo do primeiro pé. Não pode ser subestimado o fato de tais números terem sido fornecidos com completa espontaneidade, sem a mínima interferência do investigador; pois é sabido como é fácil fazer concordar um indígena com qualquer sugestão, por ventura aventada. O que apareceu foi um verdadeiro sistema numeral, com base de seis, vasado na seguinte terminologia:

---

(2) V. Montoya (P. Antonio Ruiz de), Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani (o mas bien Tupi), Parte Segunda, Tesoro (Viena, Paris, 1876), f. 171 v. (A primeira edição do Tesoro é de 1639).

(3) Guasch, S. I. (P. Antonio), op. cit., p. 336.

(4) Op. cit., f. 341/335.

teiova rire petei	—	(depois de seis: um), sete
teiova rire mokõi	—	(depois de seis: dois), oito
teiova rire mbohapy	—	nove
teiova rire irundy	—	dez
teiova rire tenerõi	—	onze
teiova jevy	—	(seis novamente ou seis repetido), doze

O têrmo final era *teiova rire teiova jevy*. É evidente que tal locução não significa quinze, como tinha sido indicado pela informante, mas dezoito, ou seja o terceiro ponto de parada do sistema.

Em trabalho conjunto com a informante foi possível depois reconstituir a numeração entre 12 e 18. Pensei que 13 fôsse *teiova jevy rire petei*, (depois de doze: um) mas aprendi que a forma certa tinha que ser *teiova jevy petei*, fato que leva à conclusão de que a posposição *rire* passa a ser subentendida, nesta série, para não se alongar demais a expressão numeral. A correção sofrida era mais uma prova do verdadeiro conhecimento que a informante tinha dêste sistema, no qual, aliás, foi secundada por Vitaliano. Como designativos dos próximos números apareceram então naturalmente os seguintes:

teiova jevy mokõi	—	14
teiova jevy mbohapy	—	15
teiova jevy irundy	—	16
teiova jevy tenerõi	—	17.

completando-se assim a contagem até 18, número em que, como foi visto, a parcela expressa por *teiova jevy* passa a constituir a segunda parte da expressão (*teiova rire teiova jevy* — "depois de seis: seis repetido"). Com pouco esfôrço conseguiu-se então levar a contagem até 24:

teiova rire petei teiova jevy	—	19
teiova rire mokõi teiova jevy	—	20
teiova rire mbohapy teiova jevy	—	21
teiova rire irundy teiova jevy	—	22
teiova rire tenerõi teiova jevy	—	23
teiova jevy teiova jevy	—	24.

Teiova jevy teiova jevy foi sentido como um número muito alto, e a naturalidade com que êste fato foi constatado mostra que se trata de uma expressão numérica legítima e que também os têrmos intermediários podem provàvelmente assim ser considerados. Conforme se vê, nesta série, como no caso da série de 15 até 17, é dispensado o elemento de ligação (aqui um segundo *rire*), combinando-se cada numeral em constituintes imediatos, dos quais o segundo é sempre *teiova jevy*, isto é, doze. Com base nesta decomposição podemos pois traduzir: sete doze, oito doze, nove doze etc., com precedência do elemento que indica o número menor. Trata-se, de fato, da solução ideal, pois a ordem inversa, *p. ex.*, *teiova jevy teiova rire irundy* (forma hipotética), acarretaria como resultado completa falta de clareza quanto à verdadeira decomposição do têrmo.

Ainda no terreno das hipóteses, pode-se presumir que *oikori* ou *oikoeri* ("tem mais outro", na tradução de Cassiano) no sistema original tenha sido o último numeral, ou seja o último dedo, após a contagem das duas mãos e dos dois pés e a recontagem dos quatro dedos da primeira mão, isto é, o número 25.

É evidente que um sistema numeral, com base de seis, não pode ter sua origem em influência missionária ou outra de civilizados, pois êstes sempre teriam ensinado um sistema decimal. Conhecem-se várias tentativas neste sentido (5). Também a influência de grupos indígenas não-guaranis pode ser afastada, na opinião do autor. Parece antes tratar-se de um sistema de numeração, inventado por um gênio, em alguma época de vida independente da tribo e comunicado aos mais entendidos, tendo sido retransmitidos através daqueles que tinham capacidade de utilizá-lo.

A dificuldade de lidar com números, entre os nossos índios, é geralmente notada e persiste. Professôras que ensinam crianças no Pôsto Indígena Francisco Horta sempre se referem a êste fato. São por demais conhecidas as experiências de Karl von den Steinen (6), neste terreno. Mas isto não exclui que entre muitos se encontrem alguns com melhor desenvolvimento da habilidade de calcular.

A etimologia provável dos números até quatro encontra-se no Vocabulário de Baptista Caetano (7). O numeral *tenerõi* "cinco" tem parentesco com uma locução já relacionada por Montoya, embora aparentemente não tenha sido derivada desta. Encontramos, neste autor (8), *irundy hae nirũi*, isto é, "quatro mais o isolado (o dedão)". *Tenerõi* é o resultado de uma combinação de *ty* (segunda parte de *irundy*) mais *nirũi*, isto é, "o isolado da multidão". Para *teiova* "seis" a etimologia foi dada espontâneamente ao investigador, tal como tinha acontecido com *oikori*: alguns informantes, em vez de pronunciar *teiova*, falavam uma forma mais completa *petẽi-ova* "um em frente", ou seja o primeiro dedo da outra mão.

A posse do sistema numeral exposto está dentro das possibilidades mentais dos Kaiova e condizente com a sua rica cultura espiritual e outrora bem desenvolvida cultura material. O autor espera que novas investigações possam confirmá-lo.

DUAS EDIÇÕES RARAS DA COLEÇÃO IAN DE ALMEIDA PRADO — I.E.B.

R. E. Horch

FRANCANZANO DA MONTALBODDO.

Paesi nouamente ritrouati per la nauigatione di Spagna in Calicut. Et da Albertutio Vessputio Fiorentino intitulato Mondo Nouo: Nouamente impressa. |Uma estampa representando a cidade de Veneza.|

|Colofão:| Stampata in Venetia per Zorzi de Rusconi millanese Nel. M.cccccc. xyii. adi.xyiii. Agosto.|

124 f. inum., texto em 2 colunas. 16,5 cms.

Encadernação inteira de pergaminho.

---

(5) Cf. p. ex. três artigos no **Boletín de Filología**, tomo VI (Montevidéu, 1950).

(6) Steinen (Karl von den) **Entre os Aborígenes do Brasil Central** (São Paulo, 1940). V. o capítulo XV: A Arte de Contar dos Bakairi e a origem do 2. (A edição original da obra é de 1893).

(7) Baptista Caetano, **Vocabulário das Palavras Guaranis usadas pelo Tradutor da «Conquista Espiritual» do Padre A. Ruiz de Montoya**, Anais da Biblioteca Nacional, vol. VII (Rio de Janeiro 1879), pp. 371/372.

(8) Montoya (P. Antonio Ruiz de), **Arte de la Lengua Guarani (o mas bien Tupi)**, (Viena, Paris, 1876), p. 7. (A primeira edição da Arte é de 1640).